

## **A CULTURA DOS DESCENDENTES DOS IMIGRANTES ITALIANOS NO MUNICÍPIO DE SILVEIRA MARTINS (RS): AS MARCAS DOS DIALETOS E DA RELIGIOSIDADE NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>**

### *THE CULTURE OF THE DESCENDANTS OF ITALIAN IMMIGRANTS IN THE MUNICIPALITY OF SILVEIRA MARTINS (RS): DIALECTS AND RELIGIOSITY FEATURES IN THE CONTEMPORARY ERA*

**Sabrina Venturini Libraga<sup>2</sup> e Elsbeth Léia Spode Becker<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

A Geografia Cultural, na contemporaneidade, explora aspectos sociais e econômicos, da paisagem, do território e da vida das comunidades. Nesse sentido, o objetivo, na presente pesquisa, foi evidenciar as manifestações culturais dos dialetos e da religiosidade do imigrante italiano existentes no município de Silveira Martins. Silveira Martins tem sua origem a partir da vinda de imigrantes, sendo integrante da Quarta Colônia de Imigração Italiana. Nesse local, os italianos fixaram residência e cultivaram suas tradições, como a cultura religiosa e os falares dialetais. A cultura religiosa é representada pelas construções de igrejas, capitéis, imagens, rezas e cânticos, enquanto na fala, os dialetos são variados, devido à região de cada imigrante. A pesquisa foi baseada na abordagem qualitativa, e o método utilizado foi a triangulação histórico-hermenêutico-fenomenológica. Os procedimentos metodológicos consistiram em uma revisão literária e em entrevistas, tendo como instrumento a aplicação de questionários. A amostra correspondeu a 22 habitantes do município, separados entre duas faixas etárias. A primeira, de 16 a 34 anos e, a segunda, a partir de 35 anos. Por meio deste estudo, pode-se inferir que os descendentes de imigrantes italianos, assim como o local, ainda mantêm a cultura religiosa e linguística de seus antepassados, porém, é mais acentuado entre a população da terceira idade.

**Palavras-chave:** cultura italiana, geografia cultural, religião.

#### **ABSTRACT**

*Cultural Geography focuses on social and economic aspects in terms of landscape, territory and life in communities in the Contemporary Era. In this respect, this paper aimed to draw attention to cultural manifestations of dialects and religiosity of Italian immigrants in the municipality of Silveira Martins, which was founded by immigrants and, therefore, integrates the Fourth Colony of Italian Immigration. The Italians established themselves in Silveira Martins and developed their religious and dialect traditions. Their religious culture is represented by the construction of churches and capitols, images, prayers and hymns. In terms of speaking, there is a variety of dialects due to the different regions where each immigrant came from. The research was based on a qualitative approach and used the historical-hermeneutic-phenomenological triangulation method. The methodological procedures included a review of literature and interviews by means of a questionnaire. The sample consisted of 22 inhabitants, who were separated in two different age groups: those from 16 to 34 years old and those above 35 years old. Through this study, we could conclude that the descendants of Italian immigrants as well as the city have preserved the religious culture and the language of their ancestors, although these features are more evident among the elderly population.*

**Keywords:** Italian culture, cultural geography, religion.

<sup>1</sup> Trabalho resultante do Trabalho Final de Graduação - TFG.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Geografia - Centro Universitário Franciscano.

<sup>3</sup> Orientadora. Docente do Curso de Geografia - Centro Universitário Franciscano.

## INTRODUÇÃO

A Geografia Cultural estuda os aspectos humanos em sua evolução histórica, pois “o desenvolvimento da geografia cultural procede necessariamente da reconstrução as sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente” (SAUER, 2003, p. 21). A partir do presente estudo, aprofundaram-se os conhecimentos acerca da história dos imigrantes italianos no Município de Silveira Martins (RS) buscando relacionar a influência dessa história nas manifestações culturais contemporâneas existentes entre os descendentes e os habitantes do lugar. Os traços culturais, trazidos de suas províncias de origem, na Europa, se disseminaram ao longo de dois séculos, XIX e XX, e continuam efetivamente representados no século XXI, especialmente, nas manifestações religiosas e em alguns resquícios de dialetos manifestados pela população residente no Município.

Os imigrantes italianos vieram de várias províncias da Itália e trouxeram consigo diferentes dialetos como falares vênets, lombardos e friulanos. No Brasil e, especificamente, no Rio Grande do Sul, muitas famílias se instalaram em Val de Buia e dali para os seus lotes, formando a Quarta Colônia de Imigração Italiana, representada pela sede em Silveira Martins (RS) (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001). Devido à distância entre os lotes, os grupos étnicos migrantes sentiram a necessidade de manter relações com o vizinho mais próximo, mesmo este não sendo da mesma província e, portanto, de cultura e dialetos diferentes. Em virtude da convivência, os diferentes dialetos foram se mesclando entre si e, também, com o português, dando origem ao *talian*<sup>4</sup> ou vênets brasileiro.

A religiosidade do imigrante italiano e sua profunda devoção aos diferentes santos da Igreja Católica sempre o acompanharam. Mas, ao chegarem às novas terras, não tiveram o auxílio espiritual de que necessitavam pela inexistência de párocos e de paróquias. Para as famílias, era importante ter a presença de uma igreja e de um padre para rezar as missas, dar a extrema unção, dar a bênção e acompanhá-los espiritualmente em seu cotidiano, muitas vezes, repleto de dificuldades. Para suprir essa carência, construíram capitéis em suas propriedades e ali se reuniam, com os vizinhos e familiares, para rezar e pedir a proteção dos santos (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001).

Essas manifestações criaram fortes laços de adaptação ao lugar e desenvolveram elos afetivos entre as pessoas e dessas com o lugar, criando, muitas vezes, uma identidade local, principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente. Segundo Leite (1998, p. 10), “os indivíduos criam um significado para o lugar que, em essência, encontram na subjetividade humana as interpretações para suas atitudes perante o mundo”. O lugar seria, então, um produto da experiência humana que, para Relph (1979, p. 12), significa “muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança”. Também Tuan (1983, p. 81) destaca o lugar como “um centro de significados construído pela experiência”.

<sup>4</sup> *Talian* - mescla dos falares dos antepassados, com a língua do país de adoção, no caso, o português.

Vista a importância nas relações dos imigrantes italianos com a formação do lugar, neste estudo se pretende relacionar a cultura dos imigrantes com a cultura herdada pelos seus descendentes e como está representada na unidade territorial em estudo, na contemporaneidade.

O imigrante italiano trouxe consigo a cultura proveniente da região de sua origem, do norte da Itália, representada principalmente por manifestações da religiosidade, da gastronomia e das linguagens (dialetos), as quais se desenvolveram na localidade de Silveira Martins (RS) e seus núcleos, hoje, delimitados pelos municípios de Nova Palma, Ivorá, Vale Vêneto e Faxinal do Soturno. Em razão do local de origem, a Itália, os imigrantes possuíam vários falares diferentes, mas o tempo e a convivência na nova pátria formaram expressões novas, que todos entendessem, resultando no melhor convívio entre eles. Já, na religiosidade, foi inicialmente difícil conseguir a assistência de um padre e a manutenção de uma paróquia. Católicos fervorosos, os imigrantes reivindicavam a presença de um pároco na comunidade, mas, somente com seu próprio dinheiro e persistência, conseguiram trazer dois padres da Itália, que chegaram em 1881 (VENDRAME, 2007).

A vida em comunidade começa a surgir na Colônia Silveira Martins, formada pelo cotidiano da lida na lavoura e na edificação de casas de moradias e de galpões para o abrigo do gado. São construídas, também, as primeiras igrejas e armazéns (casas comerciais) para abastecer as famílias. Aos domingos, parentes, amigos e vizinhos reuniam-se para praticar a religiosidade, jogar carta e bocha, beber vinho e comer iguarias de receitas oriundas da Itália, a exemplo da polenta, da sopa de agnoline, da morci-lha, da copa (presunto) e do salame (DOTTO, 1987).

Desde a chegada dos primeiros imigrantes em 1876, seguiu-se a vinda de novas famílias. Assim, a população foi crescendo com as levas de imigrações e com os nascimentos. Têm-se as novas gerações, que perpetuam os aprendizados dos pais, ou seja, a cultura passa de geração em geração.

Concomitantemente, em meio ao avanço e consolidação do processo de globalização e a crescente industrialização, a essência da comunidade, vinculada à cultura originária de seus antepassados, foi se modificando ou desaparecendo, pois “os modelos culturais difundidos pela televisão ou pelo rádio concorrem com os que são transmitidos pela família e pela escola” (CLAVAL, 1999, p. 77).

Também os descendentes dos imigrantes se inserem nos novos processos de mecanização do campo, na cultura disseminada na mídia de consumo e, muitas vezes, migram da área rural e do pequeno município para as cidades maiores, em busca de conhecimento e da vida diferente de seus pais, pois “os meios de telecomunicação moderna modificaram profundamente a vida dos negócios e certos aspectos da existência cotidiana” (CLAVAL, 1999, p. 392). A visão atual preponderante é da modernização, da influência do global sobre o local e da crescente especialização das atividades, que motivam a incessante busca de novas inserções no fazer cotidiano, em todos os locais do mundo. No Brasil, nos municípios e em seu meio rural, essas premissas também ocorrem em maior ou menor intensidade.

Tendo em vista esses processos de inter-relação da cultura local e global, da relação campo-cidade e do contato com novas tecnologias, o presente estudo propõe a seguinte questão de pesquisa

“como a herança cultural do imigrante italiano, passada de geração em geração, está representada atualmente no Município de Silveira Martins (RS)”?

O ser humano, antes do processo de modernização, cultivava as técnicas e os valores como herança, e o conhecimento era passado e mantido pelas gerações, sucessivamente, formando sua identidade e pertencimento ao local de origem e de seus antepassados.

Essa realidade modificou-se e, atualmente, o jovem perde o vínculo com suas origens, pois o local se transformou e continua em metamorfose influenciado pelas inovações e pelos modelos que já não são locais, mas importados. E, na esteira das modificações, ocorre mudança no sentido de cultura e, muitas vezes, a população perde sua identidade, pois

sua especificidade era devido ao fato de que se crescia e se era criado aqui, que se pertencia a tal família, que se descendia de tal ou qual ancestral, que se era agricultor, pastor ou artesão porque era assim que convinha viver, e que se havia sido criado na fé católica, protestante ou judaica (CLAVAL, 1999, p. 393).

Claval, (1999, p. 394), ainda complementa, afirmando que “o sentimento de identidade deixa de ser profundamente enraizado: nasce de posturas que são escolhidas, de objetos dos quais se rodeia, da maneira pela qual se veste, dos esportes que se pratica, dos lazeres de que se gosta”. O homem atualmente vive de aparência, sem reconhecer sua verdadeira identidade. Insere-se na cultura de massa, seguindo a mídia, que molda o comportamento de todos sobre o consumo e o lazer.

Para Hall (2001, p. 8), as identidades culturais são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. No entanto, a vida se torna vinculada à mídia, ao mercado global, de estilo, de lugar, de imagens, mudando as identidades que se desvinculam de sua realidade local, histórica e de suas tradições e costumes. Ocorre a homogeneização cultural (HALL, 2001).

A cultura local caracteriza-se por um pequeno espaço, havendo relacionamentos cotidianos, conhecimento do lugar e do tempo, ocorrendo rituais, símbolos e cerimônias que ligam as pessoas ao local e ao seu sentimento de pertencimento. Porém, em vários locais pode ocorrer a globalização cultural ou cultura global, que consiste em acabar com as culturas locais e sobrepor à cultura de vida americana, pois deveria haver uma cultura hegemônica em todos os lugares do mundo (FEATHERSTONE, 1997).

No município de Silveira Martins, a cultura global também está inserida pelos meios tecnológicos, e os jovens sentem, com maior intensidade, o apelo da mídia, da globalização, do consumismo e da fetichização. Porém, sendo um município de colonização italiana, é importante manter as suas culturas, costumes, histórias para os seus descendentes, pois ele é um patrimônio histórico cultural, cujas

realizações do passado, de qualquer gênero, fazem parte obrigatoriamente da vida de um indivíduo, de uma comunidade ou de um povo. É no passado que encontramos os estratos essenciais de nossa identidade, seja individual ou grupal. O momento presente de cada pes-

soa ou de uma sociedade somente torna-se concretizável graças à herança cultural que nos acompanha (SANTIN; ISAIA, 1990, p. 7).

Assim, o estudo tem como objetivo geral, evidenciar as manifestações culturais dos dialetos e da religiosidade do imigrante italiano existentes no município de Silveira Martins (RS); e os específicos: a) descrever a origem da herança cultural na formação de Silveira Martins, sede da Quarta Colônia de Imigração Italiana; b) identificar os principais símbolos da cultura material religiosa e as principais manifestações dos dialetos e da religiosidade presentes no município de Silveira Martins; c) verificar a percepção dos jovens acerca da herança cultural da religiosidade e dos dialetos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### APORTE TEÓRICO DA GEOGRAFIA CULTURAL

A Geografia Cultural é ramo da ciência geográfica que estuda as relações humanas, ou seja, social, entre os seres, e destes com o espaço, através da linguagem, religião, valores, crenças, costumes, arte, conhecimento, entre outros aspectos. A cultura são as características assumidas por determinados grupos, sendo que cada espaço ou população possui a sua distinção, os seus conceitos e ideais. Claval (1999, p. 163) apresenta a ideia de que “a cultura aparece como um conjunto de gestos, práticas, comportamentos, técnicas, *know-how*, conhecimentos, regras, normas e valores herdados dos pais e vizinhança e adaptados, através da experiência, a realidades sempre mutáveis”.

Para Wagner e Mikesell (2003) é difícil definir a geografia cultural, mas segundo eles, a mesma deve estar relacionada à Terra. Para defini-la, utilizam cinco temas, que são cultura, área cultural, paisagem cultural, história da cultura e ecologia cultural. Esses autores consideram que a cultura “oferece um meio para classificar os seres humanos em grupos bem definidos, de acordo com características comuns verificáveis, e também um meio para classificar áreas de acordo com as características dos grupos humanos que as ocupam” (WAGNER; MIKESSELL, 2003, p. 28).

A cultura, conforme Wagner e Mikessel (2003, p. 28), “é uma chave para a compreensão sistemática de diferenças entre os homens”. Ela deve avaliar as características de uma comunidade, de todos que fazem parte dela, suas crenças, comportamento, tendo suporte para classificar os homens em grupos definidos de acordo com suas particularidades e área que ocupam.

A área cultural, para a geografia cultural, investiga, segundo Wagner e Mikessel (2003, p. 32), “sobre a distribuição passada e presente de características da cultura, que constitui a base para o reconhecimento e delimitação de áreas culturais”. Analisa um local e seus indicadores, como a linguagem, assim, determina os territórios pelas características. Então, a área cultural são os territórios ocupados que seguem determinada cultura específica de sua comunidade, e essa área cultural pode constituir uma região.

A paisagem cultural “refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou a um complexo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural” (WAGNER; MIKESELL, 2003, p. 36). O homem se insere nessa área e a modifica, substitui a cobertura vegetal, torna as terras cultiváveis e adapta o local conforme suas necessidades.

A história da cultura é a busca por documentos, registros, evidência de um local, que são pesquisados a fim de verificar a ocupação de uma área por diferentes grupos, conectando-os com outros grupos que apresentem características próximas. A coleta de informação possui a finalidade de descobrir “a origem, no tempo e lugar, de determinadas características culturais; as rotas, épocas e modos de disseminação; a distribuição de áreas culturais anteriores; as características das paisagens culturais anteriores” (WAGNER; MIKESELL, 2003, p. 42).

A ecologia cultural explica os processos que ocorrem numa determinada área e paisagem cultural, a partir da história da cultura, o que aconteceu e por que aconteceram modificações no local. Seu trabalho segue uma linha de comparações minuciosas, que, segundo Wagner e Mikesell (2003, p. 46-47),

[...] examina, minuciosamente, numerosos casos para descobrir quais condições da paisagem estão invariavelmente associadas a certas práticas conhecidas; que tipos de ação humana parecem, em todos os exemplos disponíveis, estar ligados, ou pelo menos coincidentes, com determinado desenvolvimento da paisagem; que técnicas concretas de uso da terra e dos recursos e desenvolvimento artificiais estão associadas a diferentes sistemas culturais e sociais; que condições de vida estão coerentemente associadas a um tipo particular de paisagem cultural; que circunstâncias naturais especiais, se há alguma, são regularmente coincidentes com qualquer aspecto da atividade ou bem-estar humano em uma, algumas ou todas as sociedades culturais [...].

Seguindo os estudos conceituais de cultura, Claval (1999, p. 64), diz que “a cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte”. Assim, a cultura é uma herança que deve ser transmitida de geração em geração, compartilhando a religião, a linguagem, uma filosofia, uma ideologia, entre outras heranças. Entre as características da cultura, estão a religião e a comunicação.

A religião é um conjunto de crenças originadas e transmitidas ao longo do tempo. O homem cria o seu espaço sagrado, que consiste num campo de força e valores, que o liga à divindade por meio de símbolos, ritos, mitos, objetos, ou seja, é o espaço real. Cria-se a igreja que é o lugar de encontro e renovação da fé dos fiéis, ali se formam grupos religiosos, que frequentam o local e se apoiam em suas crenças (ROSENDAHL, 2002).

O espaço sagrado pode ser considerado um elemento de produção do espaço, pois, em relação à origem das cidades, para Rosendahl (2002 p. 40), “ao falar de cidade e religião, situamos o templo como atributo forte da conexão entre o urbano e o sagrado. A presença do santuário, ocupando o lu-

gar central nos primeiros núcleos de povoamento [...]”. Os santuários, as igrejas e também mesquitas aparecem como a base para o desenvolvimento de inúmeras cidades no mundo.

No mundo ocidental, o cristianismo ou igreja cristã é difundido pela expansão dos povos europeus. E ainda

[...] a difusão da fé torna-se particularmente importante para a geografia ao se refletir sobre a ação missionária de expansão de ideias e condicionamentos simbólicos, algumas vezes resolvida através de trocas dramáticas no processo de aculturação. A migração de pessoas que transmitem sua cultura e a migração de sistemas religiosos resultam em adaptações ou integrações de religiões a um determinado ambiente estranho, que pode desenvolver mecanismos de conquista [...] (ROSENDAHL, 2002, p. 53).

A religião se apropria de determinados espaços geográficos e territorializa o local, pois, devido a sua prática, controla o território. “É nesta poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre espaços, que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus” (ROSENDAHL, 2002, p. 59).

A cultura também é resultado da comunicação dos seres humanos entre si, por meio de símbolos e língua comum, ou seja, por pessoas que ocupam o mesmo espaço.

A língua é um componente da cultura, uma vez que comunica a humanidade, mas ela é fortemente afetada por outras características culturais, como a substituição para a linguagem portuguesa ou a americanização de termos. (o professor pediu para citar algumas)

A linguagem, segundo Wagner e Mikessel (2003, p. 29), pode ser “exclamações, gestos e expressões faciais. Também são linguagens, de outro modo, pinturas, emblemas e tudo que é regularmente reconhecido como “significando algo”. Assim, os dialetos, uma linguagem oral de determinados locais, fazem parte da cultura de vários povos, perpetuando entre seus descendentes.

## DESCRIÇÃO DA EMIGRAÇÃO NA ITÁLIA

A unificação italiana foi organizada no período de 1815 a 1870, começando, daí a abertura para o capitalismo, a partir de interesses dos burgueses e latifundiários. Os estados italianos se organizaram, com base em um sistema político-administrativo, fundamentado em características centralizadoras e excludentes, tornando a Itália uma monarquia parlamentar, regida por um sistema bicameral e por um rei (IOTTI, 2001).

O processo de emigração italiana ocorreu a partir de 1875, fim do século XIX, após a unificação italiana, terminando em meados de 1914, início do século XX, devido à Primeira Guerra Mundial (IOTTI, 2001).

Os imigrantes italianos emigraram da Itália em razão da unificação do Estado Italiano, que resultou numa certa segregação entre as regiões Norte e Sul. A região Norte era a mais desenvolvida,

possuía comércio externo, bancos, redes de saneamento, energia e estradas. Com a emergência do capitalismo teve-se o acúmulo de capitais no Norte da Itália e isso intensificou a expulsão de pequenos proprietários, tornando-os trabalhadores agrícolas assalariados, ou mão de obra para as novas indústrias emergentes. Enquanto a região Sul permaneceu no esquecimento, apresentava uma agricultura rudimentar, sistema semelhante aos feudos, pois ainda eram submetidos a proprietários de terras, pagando com dinheiro o uso de terras. Devido às políticas internas e à entrada de produtos importados, o artesanato local também perdeu influência, ocasionando desemprego e miséria (IOTTI, 2001).

Mesmo com o começo do processo industrial no Sul, ainda havia dificuldade, pois a população não apresentava mão de obra especializada, os atrasos tecnológicos e a falta de matéria-prima emperravam a eficiência produtiva. Assim, continuava muita miséria, pois as indústrias, e outras atividades não absorviam toda a população oriunda do campo. Segundo (IOTTI, 2001, p. 37),

[...] o sul, como resultado das medidas adotadas pelo Estado italiano pós-unitário, foi atingido por uma série de dificuldades econômicas que frearam seu desenvolvimento e contribuíram para transformá-lo em uma área atrasada em relação ao restante da Europa e da própria Itália.

Assim como no Sul, a população pobre da região Norte ficou à margem do desenvolvimento econômico, pois o processo “não conseguiu minorar a situação de miséria da população pobre. A indústria não foi capaz de absorver a mão de obra expulsa da agricultura. Tanto que a vida dos trabalhadores dessa região não era diferente daquela dos meridianos” (IOTTI, 2001, p. 38). Essa população, excluída do processo produtivo, expulsos de suas terras, a destruição do pequeno artesanato, assim, sem emprego e sem terras, torna-se um excedente para o Estado, o qual, então, incentivava a emigração. O governo passa a supervisionar as saídas, pois tinha interesses, na geração de ganhos com a cobrança de passagens, com o dinheiro que as famílias emigrantes enviavam para quem ficasse no seu país de origem e o interesse político, uma vez que havia mediação entre o governo italiano, por meio de embaixadores e cônsules, com as “colônias” formadas no exterior (IOTTI, 2001).

Muitas pessoas foram expulsas do processo produtivo e obrigadas a procurar, em outros países, melhores condições de vida, começando a emigração italiana em massa.

Em vista desse processo, o governo brasileiro, que acabara de perder a mão de obra escrava, encontra, no italiano, um novo efetivo para trabalhar nas lavouras de café no Sudeste e desbravar as terras inóspitas do Rio Grande do Sul, pois pregava que havia terras suficientes, e a região seria parecida com o local de suas origens, investia nessa propaganda sobre as vantagens do estabelecimento dos imigrantes para essas áreas, incentivando a imigração.

Assim, o imigrante sai de seu país, das regiões da Lombardia, do Vêneto e do Tirol Alto Ádige, em busca de melhores condições de vida para se tornar o proprietário de suas terras. Partia para o desconhecido em navios sobrecarregados e com dificuldades higiênicas, em viagens de, aproxima-



damente, um mês. Ao chegar ao porto do Rio de Janeiro, passava por um período de quarentena e, depois, era encaminhado para as áreas demarcadas para colonização (CARBONI; MAESTRI, 2000).

## PEQUENA CONTEXTUALIZAÇÃO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA FORMAÇÃO DE SILVEIRA MARTINS (RS)

A ex-colônia Silveira Martins (RS) de imigração italiana foi fundada em 1877, com a finalidade de receber imigrantes para povoar as áreas pertencentes ao governo, assim como ocorreu com as colônias da região nordeste da província (SANTIN, 1986). A chegada de famílias de imigrantes italianos é datada de 1876. Chegaram de navios ao Rio de Janeiro, foram enviados para a Província de São Pedro, seguiram para o Porto de Rio Grande e prosseguiram mais alguns dias até Porto Alegre, de onde partiriam para as suas respectivas colônias (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001). O caminho fora difícil, pois foram vários dias para chegarem ao seu destino, passando por Rio Pardo, Cachoeira e, segundo Righi, Bisognin e Torri (2001, p. 57),

[...] do Jacuí até a Colônia Silveira Martins, eram conduzidos por carroças de duas rodas, puxadas por quatro ou cinco juntas de bois e conduzidos por um guia a cavalo. As carroças possuíam cobertura de ervas secas, fechadas também nas laterais, assemelhando-se a cabanas. Cada carreta era destinada a uma família e sua respectiva bagagem. Nos carros, eram instalados os idosos, as mulheres e crianças. Os mais jovens iam caminhando a pé para não sobrecarregar os animais.

Foram muitas as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes italianos para chegarem ao Barracão de Val de Buia, pois as trilhas eram de difícil acesso e lamacentas, além de, durante os dias de viagem, passarem fome, pois recebiam apenas uma refeição ao embarcarem e, posteriormente, não possuíam mais auxílio. A conclusão da estrada de ferro que ligava Porto Alegre a Uruguaiana facilitou o deslocamento nesse trajeto, pois

[...] os imigrantes, após chegarem à Capital da Província, embarcavam em pequenos vapores que os conduziam à estação da margem, no rio Taquari, ponto inicial da ferrovia. [...] da Estação Margem partiam, às cinco horas da manhã, até a colônia. [...] após, até a sede numa extensão de 15 quilômetros, os imigrantes seguiam pelas estradas com carretas (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001, p. 58).

Ao chegarem ao Barracão de Val de Buia, os imigrantes italianos instalaram-se no local, porém, devido à vinda de novas famílias, o local e o barracão não possuíam estrutura para acomodar todos e foi necessário abrir clareiras na mata e construir outros dois galpões, que ainda não foram suficientes para abrigar a todos (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001).

No barracão em que estavam instalados, são várias as histórias sobre o descaso, as epidemias e mortes. Como é o caso relatado por J. Lorenzoni enquanto ficou abrigado no local, com, aproximadamente, 1000 imigrantes.

Estavam doentes: não passava dia que não houvesse a lamentar uma ou mais mortes. Era, de-  
veras, doloroso ver essas pobres famílias perder desse modo, os seus caros, sem ter nenhum  
recurso médico, com falta absoluta de remédios, de um caldo, de uma xícara de leite e até  
de madeira para construir um caixão onde colocar os cadáveres (DE BONI; COSTA, 1984,  
p. 105-106).

Ainda, devido à aglomeração, uma epidemia provocou a doença de umas 400 vítimas, entre  
crianças e adultos. Não havia atendimento médico e nem de um sacerdote. Eram enterrados em um  
cemitério improvisado, sem a reza de um padre e em caixotes feitos de ripa de madeira e barricas.

As quatro levas de imigrantes que chegaram foram recebidas e obrigadas a aguardar a demar-  
cação e distribuição de lotes durante vários meses, conforme escreve Santin (1986, p. 24)

as demarcações foram sendo executadas, a sede foi traçada, e Silveira Martins foi recebendo  
sucessivas e significativas levas de imigrantes, chegando a ultrapassar sua capacidade de  
recebimento. O problema foi solucionado pelos próprios imigrantes na medida em que deci-  
diram comprar terras de proprietários particulares.

A partir da inspeção do Coronel Conrado Niemayer, foram dadas ordens para apressar a distri-  
buição de terras e fornecer às famílias materiais necessários para a instalação, como machado, foice,  
facão, enxada e sementes para iniciarem as plantações nos lotes entregues. Ainda assim, as condições  
dos imigrantes eram precárias, não possuíam camas, dormiam sobre tábua e ervas secas, mas era o  
que tinham e se tornou o local de abrigo mais seguro (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001).

Com o início da distribuição dos lotes, os imigrantes precisavam de dinheiro e foram contra-  
tados para trabalhar na abertura de estradas, recebendo um pagamento que lhes permitia alimentar-se  
até que as terras estivessem produzindo. Então, em 1879, inicia-se a construção da Estrada Geral, que  
ligaria a Colônia Silveira Martins (RS) a Santa Maria (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001).

Mesmo com a chegada de várias levas de imigrantes, a colonização foi considerada lenta e  
gradativa, a população crescia, aos poucos, com a chegada de novos imigrantes e nascimentos. Por  
isso, foi preciso que os problemas sociais fossem resolvidos com urgência e que houvesse maior in-  
tervenção estatal na solução das questões locais. Foi promovida a emancipação da Colônia, em 1882,  
quando o Imperador D. Pedro II, expressou

hei por bem determinar que a Colônia Silveira Martins, na Província de São Pedro do Rio  
Grande do Sul, seja emancipada do regime colonial, passando a domínio da legislação com-  
mum às outras povoações do Império e cessando a administração especial a que, até a presen-  
te data, se acha sujeita [...] (SPONCHIADO, 1996, p. 60 apud RIGHI; BISOGNIN; TORRI,  
2001, p. 68).

Após o decreto, Silveira Martins torna-se uma ex-colônia. Em 1886, seu território é dividido  
entre os municípios de Santa Maria, Cachoeira do Sul e Júlio de Castilhos e, então, torna-se o 4º Dis-  
trito de Santa Maria.

Os imigrantes residentes em Silveira Martins não aceitam a subdivisão distrital e reivindicam a emancipação, primeiramente junto ao governo imperial e, após, 1889, junto aos governos federal e estadual. Somente no final do século seguinte, Silveira Martins é elevado a categoria de município autônomo e alcança a emancipação pela Lei nº 8.481 de 11-12-1987, tendo sua primeira Legislatura em 1º-01-1989 (RIGHI; BISOGNIN; TORRI, 2001).

## O IMIGRANTE ITALIANO E SUA FORTE ASPIRAÇÃO CULTURAL RELIGIOSA

O imigrante italiano era um fervoroso praticante católico e trouxe a crença de que a religião era o centro de todas as atividades. Assim, assistia às celebrações religiosas em igrejas ou em santuários, participava de procissões e dos sacramentos e primava para que tivesse sempre um padre na comunidade para quem pudesse pedir auxílio e orientação espiritual.

Para os imigrantes, segundo Santin e Isaia, (1990, p. 18), “a prática religiosa nada mais era do que a confirmação de seu trabalho, de suas aspirações e de sua vida, dependentes do cultivo da terra”. A capela ou igreja era a referência à garantia do trabalho agrícola, esse vínculo, entre atividade rural e liturgia, acontecia também nas visitas do padre às casas, abençoando a família, os animais e a plantação.

Vieram para Silveira Martins, sem um assistente religioso, mas a sua crença os acompanhou, sentiam falta da igreja, dos santos, do campanário, dos sinos e de um padre. Os imigrantes, na falta de um padre, recorriam a outras práticas religiosas, as de crença popular, como a dos benzimentos ou ao curandeiro (POSSAMAI, 2005). Apenas tinham a presença dos chamados padres leigos, uma liderança leiga, cuja uma das atribuições era a recitação do terço nos funerais. Essa liderança também assumia a tarefa de ensinar o catecismo às crianças e ministrar o batismo. Com a vinda dos sacerdotes, as lideranças leigas cedem seu lugar ao clero, tornando-se sacristão, auxiliar do padre e ensinavam a catequese (POSSAMAI, 2005).

Surge a figura do ‘fabiheiro’ das capelas, ou seja, o construtor e o administrador, que também conduzia as orações, catequese e os funerais na ausência de um padre. “Eram elementos de prestígio e poder; geralmente, era através deles que o padre exercia sua autoridade sobre o grupo” (POSSAMAI, 2005, p. 133). Muitos ‘fabiheiros’ eram comerciantes que adquiriam grande influência na comunidade através da Igreja.

A sede Silveira Martins só passou a ter um padre devido ao núcleo de Vale Vêneto, pois a população, guiada pelo comerciante Paulo Bortoluzzi, arrecadou dinheiro e enviou a um imigrante, Antônio Vernier, para a Itália, a fim de conseguir dois padres para assistir ao povo. Assim, em 1881, chegam a Porto Alegre os dois padres. No entanto, ocorre uma desavença entre a sede e o núcleo, pois Silveira Martins queria ficar com um padre. Gerou-se uma rivalidade, resultando em calúnias, intrigas e vexame, então, o Bispo do Rio Grande do Sul, Dom Sebatião Dias de Laranjeiras, resolve o atrito, nomeando um padre para cada localidade, Pe. Antonio Sório (Vale Vêneto) e

Pe. Vitor Arnoffi (Silveira Martins). A população viveu assim durante três anos, feliz, sendo assistida pelos seus padres, respectivamente (DOTTO, 1987).

As comunidades expressavam seu sentimento religioso pelo canto e todas possuíam corais. Para o povo imigrante, o canto elevava o espírito religioso e abrilhantava as festas com cantos tradicionais italianos. Conforme Dotto (1987), a religião sempre guiou o espírito do imigrante italiano, nas tristezas e dificuldades, sendo importante para a vida familiar, social e econômica da região.

Havia preocupação, por parte dos padres, com a vida social e religiosa das comunidades, pois a vida social era limitada às funções religiosas. No domingo, todos iam à missa na igreja matriz, a cavalo, de carroça, de carreta ou a pé. Eram homens, mulheres, jovens e crianças conversando em dialeto vênето. E, após a missa, os comerciantes abriam suas lojas para os colonos fazerem compras (DOTTO, 1987).

Em 1884, o padre Vitor Arnoffi falece, e então o Pe. Sório passa a atender a todas as regiões, mas, ainda nesse ano, a Igreja de Silveira Martins é elevada à Paróquia, e o Pe. Sório é nomeado vigário, devendo se deslocar para Silveira Martins, deixando Vale Vênето sem padre estável.

Esse núcleo se revolta com sua saída e, para acalmá-lo, o vigário escreve para o Bispo pedindo um sacerdote. É enviado um missionário jesuíta, Pe. Anselmo, que permanece por poucos meses, ficando o povo novamente sem padre.

Os imigrantes de Vale Vênето decidem recorrer a Antônio Vernier, na Itália, o qual logo avisa que conseguiu dois padres palotinos e que chegariam em 1886, iniciando a sonhada estabilidade religiosa (DOTTO, 1987).

Silveira Martins, enquanto ficou assistida pelo Pe. Sório percebeu-se que a religiosidade foi diminuindo entre os imigrantes, pois o padre se envolvia como chefe político e agente consular, “geralmente intrometia-se em muitos afazeres que prejudicavam seu ministério sacerdotal, atraindo sobre ele ódio e inimizade” (DOTTO, 1987, p. 30). Com o falecimento do Pe. Sório, em 1900, assume a paróquia o padre palotino, Matias Schacnaus, permanecendo até 1906 e reanimou o sentimento religioso de seus paroquianos, incentivando a frequência e a participação dos sacramentos. Em 1906, é empossado outro palotino, Frederico Schwinn, que se dispôs a escrever sobre os acontecimentos entre os padres e o povo de Silveira Martins, permanecendo até 1920. No ano de 1921, assume o Pe. Antonio Bombassaro e, em 1957, o último padre palotino é José Cancian, pois o Bispo de Santa Maria requisita essa paróquia para a diocese e coloca padres seculares para atender Silveira Martins (DOTTO, 1987).

Durante o período em que os padres palotinos assumiram a igreja de Silveira Martins, “empenharam-se em exercer seu ministério sacerdotal difundindo entre o povo um espírito de fraternidade, de colaboração religiosa e de atuação no progresso e na vida social” (DOTTO, 1987, p. 56).

Os imigrantes italianos conservam suas tradições, práticas e costumes religiosos, sendo os ensinamentos e determinações cumpridos com fé e obediência, além de serem transmitidos às pró-

ximas gerações. Recordavam de todas as datas, nomes de santos e das principais festas religiosas. Os pais ensinavam seus filhos a observar as festas, com respeito, honestidade e a praticar a religiosidade. Nos meses dedicados a santos, as comunidades reuniam-se, à noite, na capela, para rezar e cantar ladainhas, em latim ou em italiano.

O padre estava sempre pronto para atender ao povo e, em caso de doenças, era o primeiro a ser chamado. Já, em falecimentos, “caso o enterro fosse pela manhã, havia missa de corpo presente, se fosse à tarde, o padre fazia a encomendação na casa do falecido” (DOTTO, 1987, p. 40). O enterro era acompanhado pelo povo com cânticos e rezas. Os parentes permaneciam em um período de luto, usavam roupas pretas ou fita preta arrumada ao braço sobre as roupas. Na missa de sétimo dia, é armado um cadafalso<sup>5</sup>, e a missa de réquiem<sup>6</sup> era cantada em latim com música fúnebre.

O padre visitava as casas, uma vez por ano, a fim de benzer, com um raminho verde e com água benta, a qual aspergia por toda a casa. Em tempos difíceis, como em secas prolongadas ou enchentes, os moradores costumavam fazer rogações, que consistiam em procissões de penitência, a fim de implorar às almas do purgatório. Em momentos de ameaça à paz, seja de um povo, nação ou mundo, faziam rezas, súplicas, preces e pedidos de perdão. “Todos se esforçavam para viver os ensinamentos da igreja ou cumprir as leis de Deus. A bênção do padre era acreditada, viam o poder de Deus sobre as pragas, pestes e doenças” (DOTTO, 1987, p. 42).

Era um povo muito devoto, na Itália, participavam de confrarias e grupos marianos, trazendo consigo folhetos, livros de reza, quadros, estampas, estatuetas, santinhos e crucifixos, principalmente de Nossa Senhora, da qual eram devotos. Aqui também cultuavam Nossa Senhora da Pompeia, para a qual foi construído um Santuário, por um imigrante a que foi concedido um milagre.

Ainda segundo Dotto (1987, p. 54), “a religiosidade e a moralidade da colônia de Silveira Martins (RS) evidenciam-se sempre pela numerosa frequência aos santos sacramentos, à santa missa e às demais cerimônias religiosas e orações cotidianas em família”, a igreja, aos domingos e nas festas, estava sempre cheia e, para deixar de assistir à missa, só se houvesse motivos graves. E tinham como lema: “*ora et labora*” ou seja, oração e trabalho.

Seguindo as ideias de alguns historiadores, salienta-se que a organização da comunidade está relacionada à religião, bem como a sua identificação étnica. Os imigrantes necessitavam da presença de elementos sagrados, assim construíam suas capelas, que acompanham as linhas divisórias de cada localidade, pois era primordial o atendimento espiritual e só depois se preocupavam com a vida material e social.

Para Manfroi (2001, p. 145-147) apud Vendrame (2007, p. 97), destaca-se a “importância da capela como centro de culto e encontro social e, graças à força unificadora da religião, entende-se que as celebrações e as festas religiosas nos núcleos coloniais foram, durante muito tempo, as únicas

<sup>5</sup> Cadafalso - consiste em um caixão grande, coberto por panos pretos e com desenhos de uma caveira e ossos.

<sup>6</sup> Réquiem - missa para os mortos, oferecida para o repouso da alma da pessoa falecida.

manifestações sociais”. A capela também representa o progresso e o prestígio das localidades e, ao seu redor, cresciam desde o comércio até a escola.

Por mais que a religião esteja em primeiro lugar e o social, em segundo, destaca-se que os imigrantes promoviam encontros, que se diziam de cunho religioso, mas, na realidade, estavam relacionados ao sentimento de italianidade.

Na formação do espaço, salienta-se a relação entre a igreja, o social e o econômico, pois a primeira, quando estabelecida com o sacerdote nas localidades, era garantia de sucesso para a comunidade. De acordo com Biasoli (2005, p. 118) apud Vendrame (2007, p. 102), “a religião possibilitava não apenas o consolo espiritual, mas construía núcleos de vida social, em torno dos quais gravitavam as atividades econômicas, sociais e culturais”.

O imigrante italiano possuía crenças populares, como benzedura e acreditava em bruxas e feitiçarias, consideradas, pela igreja, uma religiosidade popular, que precisava ser controlada, mas, para que os sacerdotes fossem aceitos, precisariam atender as necessidades cotidianas da comunidade, pois o povo seguia os sacramentos da igreja e participava da vida religiosa. Esse foi um ponto de pequenos conflitos entre religiosos e imigrantes, porém foi resolvido no momento em que os padres atenderam aos pedidos de bênçãos, tornando um processo comum que servia para conhecer todos os fiéis das comunidades e ainda conseguindo exercer o trabalho de pregar a importância dos sacramentos e a presença em celebrações (VENDRAME, 2007).

## O IMIGRANTE ITALIANO E O SEU DIALETO NO ESPAÇO DE SILVEIRA MARTINS (RS)

Retomando as origens italianas, da Itália, diz-se que a linguagem é variada, pois a maioria falava somente a língua de sua região ou aldeia. Havia a predominância de dialetos, como, por exemplo, o fiorentino, utilizado inclusive por grandes poetas - Dante, Bocage e Petrarca, além de muitas obras, sendo tanto de interesse público como obras científicas. Era usado também no teatro e nas literaturas, enquanto a linguagem oficial da Itália, o toscano, continuava restrita a uma minoria culta, à elite. O toscano, segundo Carboni (1998, p. 155),

[...] não possuía aquela vitalidade própria das línguas de uso corrente. Era uma língua pouco adaptada ao cotidiano, apresentando muitas lacunas lexicais - principalmente quanto aos instrumentos e aos métodos de trabalho, quase sempre ligados a tradições locais.

Assim, o uso do dialeto era característico de camadas inferiores da sociedade, enquanto a elite era bilíngue, falava o italiano e mais sua língua regional.

Em regiões italianas, Frioul-Veneza Giulia, Trentino-Alto-Adige, Vêneto e Lombardia, devido à limitação do local, a língua nacional não era consolidada, permanecendo a linguagem dialetal, tornando-se a língua oficial nesse vasto território, englobando essas três regiões.

Após a unificação italiana, inicia-se o processo de universalização da linguagem oficial a qual deveria sobrepor os dialetos, disseminada nas escolas, no serviço militar e pelos meios de comunicação, motivando o enfraquecimento dos falares locais e o afloramento da língua comum e oficial. Para Frosi (1998, p. 158), “a linguagem oral é importante não só para o enquadramento social de um indivíduo, ela é igualmente importante na identificação social e cultural do grupo humano”. Faz parte de uma vida e de uma história, sendo usada para transmitir sua cultura, pela fala, provérbios, cantos, lendas e histórias, passar de geração em geração.

Os imigrantes, provenientes das regiões vênето-lombardo, trentino e friulano, trazem consigo a herança da linguagem dialetal, construindo sua vida e história no Rio Grande do Sul. Cada um falava um idioma, eram falares vênетos, lombardos, friulano, entre outros, mas ninguém falava o toscano.

Ao chegarem à Província de São Pedro, assentaram-se nas colônias, em linhas e travessões, delimitavam os lotes, que eram entregues aleatoriamente, então, um vênето tornou-se vizinho de um lombardo, de um friulano que, motivados pela necessidade de comunicação, criaram a *koiné* ou *coiné*, que, segundo Clemente (1999, p. 251),

[...] com predominância das formas vênетas, não de modo hegemônico, mas de maneiras diversificadas. Ora dominavam formas ou sotaques de uma região, ora predominavam de outra região. A *coiné* constitui um sistema falado e entendido pela maioria dos imigrantes e descendentes.

Posteriormente, a *koiné* passa a chamar-se *talian*, a língua vênета brasileira, que consiste na fusão de diversos falares dos grupos de imigrantes italianos vênетos, lombardos, trentinos e friulanos, mesclado com o português.

Em Silveira Martins, as famílias falavam conforme os dialetos de suas regiões de origem, não havia o italiano vernáculo<sup>7</sup>, iam falando as palavras, misturando com o português para se entenderem com outras pessoas. “A sociedade e a comunicação do italiano crescia com as autoridades civis e religiosas, com quem sabia falar o dialeto do lugar” (DOTTO, 1987, p. 102). Já o português era difícil aprender, pois havia poucas escolas e só atendiam as crianças. Assim, nas colônias, quem ensinou o português foram os padres, para grupos de imigrantes, à noite, e, além do português, o italiano também.

A língua é o elemento principal de elo comunitário e que sustenta a identidade cultural de um povo. Nela podem ser identificados dialetos que revelam valores culturais além de expressar o modo de pensar e viver das pessoas e das comunidades.

Mas, devido à declaração de guerra do Brasil contra os países do Eixo (Alemanha - Itália - Japão), na Segunda Guerra Mundial, as comunidades são proibidas de falar o *talian* e possuir qualquer documento, livros, literatura com essa linguagem. Na região da Quarta Colônia, com temor das autoridades, evitava-se falar em italiano, para não serem presos e torturados. Dotto (1987, p. 102) diz

---

<sup>7</sup>Vernáculo - é utilizado para designar o idioma puro, utilizado tanto no falar como na escrita, ou gramática.

que “[...] tiveram de esconder, enterrar, queimar muitos documentos, passaportes e livros que hoje podiam nos servir para provar o quanto o italiano tinha de cultura para nos dar”.

Após o período da Segunda Guerra Mundial, o *talian*, a fala dialetal, perde sua importância, principalmente pelo êxodo rural, pois muitas famílias partem para a cidade, promovendo a linguagem portuguesa em detrimento do uso de dialetos, assim como a inserção dos meios de comunicação como aparelhos de rádios na área rural. Além disso, ainda Frosi (1998, p. 165) diz que “há anulação da cultura tipicamente italiana, há abandono de usos e costumes italianos, há aniquilamento das formas tradicionais populares da expressão oral, dentre elas, a fala dialetal e os provérbios dialetais italianos”.

Para Posenato (1999, p. 266), manter a cultura no imigrante italiano deve consistir,

[...] no ensino das línguas peculiares dos diversos segmentos étnico-culturais formadores do País. Isso porque a manutenção da língua falada garante a permanência de outros valores tais como a música, os provérbios, as receitas culinárias e de medicina caseira, as lendas, as brincadeiras infantis, as expressões idiomáticas, a cosmovisão, o contato com as raízes etc.; da riqueza cultural, enfim.

A linguagem é parte da cultura do imigrante italiano, se houver descaracterização ou perda da fala, ocorrerá a perda da identidade cultural do povo, pois está vinculado a falares dialetais. Portanto, é necessário, conforme Santin e Isaia (1990, p. 20),

aprofundar o estudo das funções do dialeto como fator básico de manutenção da identidade cultural de uma comunidade e, no presente caso, da identidade cultural da imigração italiana. A importância de manter o dialeto como comunicação em família e mesmo social é garantia de preservação de uma série de valores individuais e coletivos.

Dessa forma, a linguagem dialetal, o *talian*, mesmo sendo disseminado pelas regiões de imigração italiana, sofre repressão e, posteriormente, há apenas resíduos da fala dialetal, a maioria dos jovens não falam os dialetos e, ainda, para Frosi (1998, p. 165) o dialeto italiano “é usado como instrumento para demarcar um espaço próprio, uma identidade cultural local, um perfil de determinado grupo humano ítalo-brasileiro regional”. Para os autores, Frosi (1998) e Santin e Isaia (1990), é necessário que se mantenha ou se restabeleça o uso de dialetos italianos, sendo importante que as novas gerações tenham conhecimento dos dialetos usados pelos seus antepassados, promovendo a continuação da cultura do imigrante italiano.

## RELIGIÃO E DIALETOS REPRESENTADOS NO MUNICÍPIO DE SILVEIRA MARTINS (RS)

Città Branca, Città Nuova, Colônia Silveira Martins, essas foram as denominações usadas para o atual Município de Silveira Martins, local esse que “[...] se estende pelas serras desde a margem direita do Rio Jacuí até a antiga Estação Colônia (Camobi) e teve como núcleos históricos: Silveira Martins (a sede da Colônia), Vale Vêneto, Arroio Grande, Núcleo Norte, Soturno, Nova



Treviso e Dona Francisca” (VILLAGRÁN, 1999, p. 140). É, portanto, nessa região que os imigrantes iniciam sua nova vida.

Silveira Martins forma-se pela divisão do território em linhas e travessões, ali eram distribuídos os lotes de terra, na área central e comum à maioria, é delimitada e construída a Sede administrativa, posteriormente também se constrói a capela e a venda. A capela é muito importante para o espírito do imigrante e, à medida que é instalada, logo surge a venda e outros estabelecimentos próximos. As vendas, com o tempo, tornam-se centros comerciais, tanto de compra dos produtos produzidos pelos colonos, como de venda para eles de materiais indispensáveis à vida, pois nem tudo era cultivado ou produzido no local, a exemplo do sal e do tecido. Assim, “se a capela era importante na vida do imigrante, a venda não perdia em significação, pois além do aspecto econômico, ela era “uma espécie de parlamento rural, onde os colonos discutiam tudo o que acontecia na sociedade local e na vida política” (SANTIN, 1986, p. 43). O comerciante era, na maioria dos locais, aliado ao padre, ou seja, um segundo líder das comunidades.

“A capela e a ‘vendinha’ constituíam os pontos de referência, era para esse cenário sócio religioso que as pessoas convergiam, tanto para realizar as atividades profanas como as sagradas” (VENDRAME, 2007, p. 98). A capela e suas práticas religiosas atraíam a população para o centro, auxiliando para que outras atividades acontecessem.

A capela é indispensável e, para Santin (1986, p. 43),

[...] bela igreja era o símbolo de orgulho e progresso, a presença de um padre era a garantia de crescimento. Com a presença constante do padre havia também a frequência diária de atos do culto, responsáveis pela afluência de fiéis em grande número, especialmente aos domingos e dias festivos. Com isso, garantia-se também o desenvolvimento de uma boa venda, bem como outros estabelecimentos comerciais ou industriais [...].

Havia ainda a construção de capitéis e oratórios, em áreas particulares ou comuns a todos, que consistiam em uma capela de menor tamanho, dedicados aos santos de devoção e geralmente atendia à população local, que se reunia para rezar o terço.

A igreja matriz de Silveira Martins foi erguida em 1882, em estrutura de madeira pelos colonos, posteriormente, refeita entre 1890 e 1907, já com tijolos e pedras. (DOTTO, 1987). A Igreja, dedicada a Santo Antônio de Pádua, possui uma torre cilíndrica, datada de 1918, com projeto do Pe. Frederico Schwinn. A execução da obra coube ao Pe. Valentim Zancan, e como pedreiros, Fortunato Gradin e Luiz Della Mea (BISOGNIN; BISOGNIN; BISOGNIN, 2004). Segundo a professora e pesquisadora Edir Bisognin<sup>8</sup>, o estilo neoclássico era comum na Europa do século XIX e foi trazido pelos padres palotinos e implantado nessa igreja. Na avaliação da professora, as linhas sóbrias, a simetria em sua fachada, decorrente do frontão triangular, apresentam arcos plenos que lhe conferem sobriedade e beleza, juntamente com sua torre cilíndrica, uma das mais belas de toda a região. As pinturas,

<sup>8</sup> Entrevista com a professora e pesquisadora Edir Bisognin em 8 de julho de 2015.

em toda a superfície, demonstram o forte teor religioso e espiritual, realizadas pelo artista Ângelo Lazzarini. Nelas podemos observar toda uma iconografia cristã de santos e anjos, realizada com uma técnica simples, porém expressiva.

Além da imponência da Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua, há o Santuário da Pompéia, fundado em 1900, pelo imigrante Vicente Guerra, que, ao encontrar-se enfermo, recorre a sua fé e devoção a Nossa Senhora da Pompéia, e se obtivesse o milagre de ficar curado, construiria a capela em sua homenagem (DOTTO, 1987).

Outro ponto importante religioso é a Gruta Nossa Senhora de Fátima, na BR304 ou “estrada do imigrante”, imagem colocada por funcionários de empresas que faziam a linha de ônibus entre Santa Maria e Silveira Martins e era parada a todos que iam ou saíam do município, a fim de pedir proteção.

Na educação, destaca-se o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, inaugurado em 1908 e atendendo a comunidade até a década de 80, pelos serviços das Irmãs do Coração de Maria. Era um colégio que atendia alunas, tanto em regime de internato, até 1971, e de externato, permanecendo somente o último até o colégio se tornar estadual e, atualmente, o prédio funciona como Centro Cultural (DOTTO, 1987).

O Clube Agrícola e Recreativo Silveira Martins foi fundado em 1885, com o título de Sociedade Italiana Di Mútuo Socorro Umberto I, depois passou a Clube Silveira Martins, até a designação atual. Atua no município, promovendo eventos gastronômicos, festivais e campeonatos esportivos (DOTTO, 1987).

São nesses locais, na sede, na igreja, nos capitéis, na praça, na venda, nos centros comerciais, na escola, na ida e vinda de caixeiros viajantes, no encontro para o trago e conversas, que o imigrante demonstra sua religiosidade e linguagem.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A presente pesquisa se estruturou através da abordagem qualitativa e compreendeu a herança cultural deixada pelos imigrantes italianos nas comunidades contemporâneas do município de Silveira Martins. O método utilizado foi a triangulação do histórico-hermenêutico-fenomenológico.

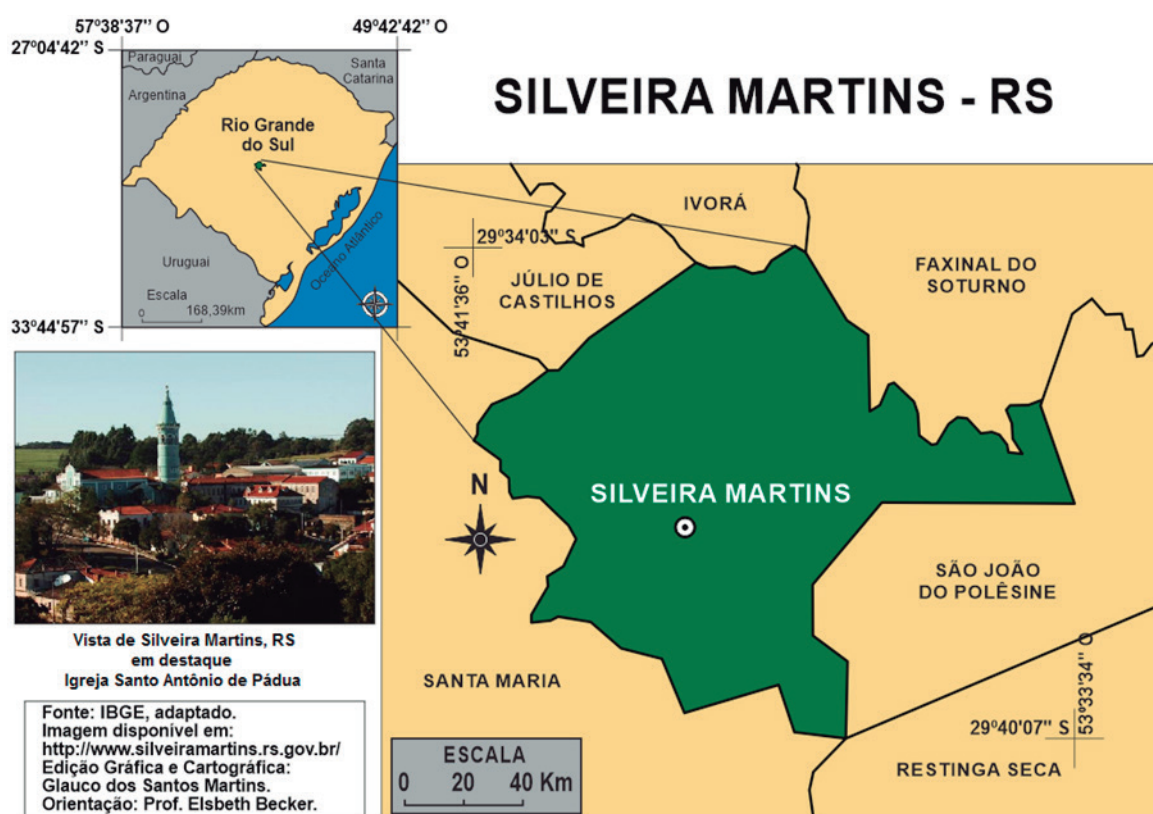
Segundo Flick (2009, p. 23), o método histórico consiste “na investigação de fatos e acontecimentos ocorridos no passado para se verificar possíveis projeções de sua influência na sociedade contemporânea”. o método hermenêutico, de acordo com Flick (2009, p. 23), “é um processo de pesquisa que consiste em interpretar o sentido das palavras” e aproximou o pesquisador e o pesquisado. Já o método fenomenológico, segundo Flick (2009, p. 24) conduz à “compreensão de que todo conhecimento é consciência e que a socialização é imprescindível para que se acrescentem inúmeros sentidos possíveis, que uma só pessoa não alcança jamais”, transcendendo a uma abordagem única dos dados.

O trabalho desta pesquisa relacionou conceitos e aportes teóricos da Geografia e da História e as representações de inter-relações que incluem diferentes processos de construção da realidade.

Construções cotidianas e subjetivas por parte daqueles que foram estudados e construções acadêmicas por parte dos pesquisadores na coleta, no tratamento e na interpretação de dados, bem como na apresentação dos resultados.

Quanto aos procedimentos metodológicos, ocorreu a revisão de literatura para a construção do estado da arte e a elaboração de um questionário aberto e fechado, que foi aplicado no recorte espacial do município de Silveira Martins a um universo de pesquisa de vinte e duas pessoas residentes no município e localidades. Os pesquisados foram divididos em dois grupos, conforme as faixas etárias, de 16 a 34 anos e a partir de 35 anos. Essa divisão foi útil para o entendimento sistemático de cada faixa etária, pois a herança cultural, nesse caso, a influência cultural religiosa e os dialetos possuem alcance diferenciado com o decorrer do tempo e a idade das pessoas (Figura 1).

**Figura 1** - Mapa de localização do Município de Silveira Martins (RS).



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (adaptado).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de permear esta pesquisa, foram aplicados questionários a 22 habitantes da área sede e localidades de Silveira Martins. Os questionários foram divididos entre duas faixas etárias, 11 entrevistados de cada, possibilitando a percepção do ponto de vista de cada idade.

Descrevendo os pesquisados da faixa etária de 16 a 34 anos, eram, na maioria, moradores da área sede, apenas 3 moram em localidades, como Linha dos Monttuã, Val Feltrina e Linha 3. Quanto à des-

condência, somente 3 não descendem de famílias italianas. Sobre a religiosidade, apenas 5 são católicos, alguns são de outras religiões ou simplesmente não praticam nenhuma, a maioria não possui um santo de devoção, mas, os que têm, citam o Padroeiro do município, Santo Antônio de Pádua, N. Sr.<sup>a</sup> Aparecida e N. Sr.<sup>a</sup> Medianeira. Porém, a maioria possui um referencial religioso, as imagens de santos, bem como conhecem as rezas do terço, as quais foram ensinadas pela família e depois confirmadas pela igreja. E, também, em maior número, já recorreram a benzimentos, rezas ou orações, em caso de doenças.

Entre os entrevistados da faixa etária acima de 35 anos, apenas um mora na localidade da Pompéia, os demais, na sede e todos são descendentes de famílias italianas. Quanto à religiosidade, todos são católicos e possuem santos de devoção como Santa Terezinha, N. Sr.<sup>a</sup> Aparecida, Santo Antônio, N. Sr.<sup>a</sup> da Pompéia, N. Sr.<sup>a</sup> Três Vezes Admirável de Schoenstatt, entre outros. Possuem vários referenciais religiosos, como imagens, o rosário e a cruz. Também sabem as rezas do terço que lhes foram ensinadas pela família e mantidas pela igreja. São pessoas que já recorreram a benzimentos, rezas ou orações, em caso de doenças.

Para melhor compreensão e entendimento, nomearei e usarei a seguinte descrição, para a faixa etária 16 a 34 anos, grupo A, e grupo B para a faixa etária acima de 35 anos.

A religião católica sempre foi importante e disseminada pelos imigrantes, a partir da construção de igrejas e capitéis, das imagens impressas e em gesso, assim como pela reza do terço ou cânticos. Para ambos os grupos, A e B, 82% afirmam que a religião católica é marcante no município, devido à missa, às comemorações e festividades no dia de cada Santo ou Santa, pois ocorre a participação da comunidade. Alguns entrevistados afirmaram que esta situação gradativamente está se alterando, e 18% de cada grupo discorda, pois acredita que a religião católica já não é marcante no local, devido a outras religiões e porque os praticantes não são como antes, fervorosos e dependentes da igreja. Desse modo, pode-se afirmar que a cultura religiosa foi transmitida de uma geração para a outra, pois a maioria dos entrevistados considera-a essencial e cultiva os códigos religiosos, seja na oração e em rituais de batismo, casamento e sepultamento.

A partir da distribuição de terras para a formação de Silveira Martins, as igrejas e capitéis foram sendo construídos conforme os imigrantes se estabeleciam. Assim, cada localidade possui uma ou mais capelas, igrejas, capitéis, destinados a santos, destacando-se: Igreja Matriz Santo Antônio de Pádua (sede), N. Sr.<sup>a</sup> da Saúde (Linha Quarta), Santuário da N. Sr.<sup>a</sup> da Pompéia (Pompéia), São Valentim, Santa Bárbara, N. Sr.<sup>a</sup> das Graças, São Roque, N. Sr.<sup>a</sup> de Lurdes, N. Sr.<sup>a</sup> de Fátima, Santo Anselmo, Santa Inês. Esses locais destinados a santos, por meio de imagens ou objetos, são formas de adoração de algo que já não está presente, ou seja, aponta para algo sobrenatural, que não está ali (ROSENDAHL, 2002). A adoração que os imigrantes trouxeram, representada em objetos e imagens impressas, junto aos seus pertences na época da colonização, é até hoje mantida e reconhecida pelos silveirenses.

Quando perguntados sobre uma data cristã importante para a comunidade, os entrevistados destacaram o Natal, a Páscoa e depois as datas locais de comemoração em homenagem ao padroeiro

do município, Santo Antônio de Pádua, que ocorre em junho, e N. Sr. <sup>a</sup> da Saúde, padroeira da Quarta Colônia, a realizar-se em novembro. Consideram as duas primeiras devido às encenações, e as últimas porque são as maiores festas da região por serem padroeiro e padroeira.

Entendendo a valorização do catolicismo e prevendo a participação em celebrações religiosas, indaga-se: o jovem participa dessas celebrações? Tendo como respostas, do grupo A, 46% dos entrevistados acreditam que poucos participam de missas, 36% dizem que sim, e 18% que não. Ao fazer essa pergunta ao grupo B, 82% afirmam que o jovem pouco participa das celebrações, 9% sim e 9% não participam.

Para entender por que a maioria entre os dois grupos diz que os jovens pouco participam, são considerados os sacramentos católicos, pois os entrevistados de ambos os grupos dizem que os jovens participam das missas no período em que fazem a Primeira Eucaristia e a Crisma, que as crianças vão à missa junto dos pais. No entanto, após esse período, já não participam com tanta frequência.

A resposta da questão anterior confirma que o vínculo entre o jovem e a religiosidade existe, mas está diminuindo, perdendo-se ao longo dos anos, uma vez que acontece apenas nos momentos dos sacramentos ou durante as festividades em homenagem aos padroeiros. Alguns entrevistados ainda comentam que antes os jovens compareciam com maior frequência. Quando havia um padre que convivia com eles, participava das atividades dos jovens, assim formava grupos e esses frequentavam a igreja, mas o atual padre não incentiva a integração com os jovens e sua participação nas missas, inclusive, restringe o uso de certas roupas para ir à missa.

Considerando as conversas e por meio do que já foi escrito, são unânimes, 100% dos entrevistados, de ambas as faixas etárias, ao afirmarem que a população com idade mais avançada é mais presente na igreja e demais celebrações religiosas.

A partir dos resultados, constitui-se a premissa de que o jovem, geralmente, não participa da religiosidade do local, dessa forma pergunta-se: a que se atribui essa falta de religiosidade? Entre os entrevistados dos grupos A, 46% acreditam que a igreja não atrai o jovem, 36% que é o vínculo com a internet e 18% que falta o incentivo da família. Já no grupo B, 27% indicam que a igreja não atrai o jovem, 36% é devido ao vínculo com a internet e 27% na falta de incentivo dos familiares.

A religião sempre esteve presente na vida no imigrante, desde sua partida da Itália até a chegada em novas terras, preservando as tradições das rezas entre seus familiares. Assim, na atualidade, todos os entrevistados do grupo B, acreditam na importância da religiosidade na vida dos jovens, e preservação dessa cultura do imigrante para as novas gerações. No entanto, dentre os jovens do grupo A, 82% confirmam que é importante a religião na vida do jovem, e os demais, 18%, discordam, acreditam que ela já não se faz necessária.

Agora, se colocarmos o local, como ponto central, ambos os grupos, A e B, afirmam que o lugar ainda mantém a religiosidade, mas que está diminuindo.

A igreja e as imagens são importantes para o local e para a memória coletiva, pois cada aspecto ou detalhe do lugar faz sentido aos membros do grupo, uma vez que o espaço que eles ocupam

possui aspectos da estrutura e da vida da sociedade local (ROSENDAHL, 2002). Entende-se que, ao dizer que os jovens não estão tão presentes na igreja, não significava afirmar que os mesmos não mantenham a religiosidade, uma vez que, ao serem entrevistados, têm conhecimento sobre as datas católicas importantes para o local, assim como entendem e sabem quanto a religião católica é marcante para o município e para seus familiares, amigos, a comunidade como um todo.

Como os imigrantes italianos sempre foram católicos fervorosos e praticantes, inclusive acreditavam na bênção dos padres, para proteger suas casas, plantações e animais, assim como sua vida, indaga-se aos entrevistados, se ainda existe essa relação entre as famílias e o padre, de visitar as casas e pedir bênçãos especiais. Conclui-se que, para 55% do grupo A, não existe essa relação, 45% dizem que sim, mas é pouco. Segundo algumas conversas, ocorrem algumas visitas mais nas comunidades do interior, nas Linhas ou no caso de doenças. Já, no grupo B, 36% acreditam que não existe e 63% que ainda há a relação entre famílias e os padres, consideram que isso ocorre devido à presença do padre nas casas de pessoas doentes e durante as missões populares.

Por meio dos questionamentos, pode-se afirmar que a cultura religiosa do imigrante italiano ainda está presente no município e na população local. Porém, quando considerada a população, é mais representada pelos indivíduos da terceira idade, os quais participam e frequentam regularmente a igreja. Já o jovem, hoje, participa quando é obrigatório, durante um período de sua vida, após, apenas se realmente sente a necessidade de frequentar regularmente ou não o local. No entanto, não se pode afirmar que eles não sejam religiosos, uma vez que possuem referenciais religiosos, são devotos a santos, e, acima de tudo, creem na importância da religião na sua vida. Mas acabam afastando-se do local, igreja, devido a vários motivos ou momentos de sua vivência, às vezes possuem novas prioridades, o que, não significa que eles não possuam vínculo com a religião, mas que já não a colocam em primeiro lugar como ocorria na época de seus avós e bisavós.

A globalização torna os sentimentos de pertencimento de grupo e de comunidades indiferentes. Ela persuade as pessoas a entenderem que devem seguir apenas o que lhes é imposto, como correto e único, mantendo suas expectativas, por meio do individualismo, do consumo, da priorização do tempo, separadas da sua cultura local (FEATHERSTONE, 1997).

Pode-se dizer que vivemos a globalização, e todos os lugares estão inseridos, seja pela economia, pois o município é abastecido monetariamente por meio da agricultura, através da comunicação, com a televisão, com o rádio, com a internet e também pelo consumo, roupas, automóveis, máquinas agrícolas, entre outros. Contudo, não perde a cultura herdada pelos fundadores do município, tanto na religião como nos dialetos e também pela gastronomia e cantos, por mais que sejam, na sua maioria, mantidos pelos moradores mais antigos do local.

Os dialetos também fazem parte da cultura do município de Silveira Martins (RS), pois os imigrantes que vieram da Itália trouxeram a linguagem de suas regiões, eram dialetos vênéticos, friulanos, trentinos, que foram sendo mesclados entre si e depois com o português, dando origem ao *talian*,

ou língua vêneta brasileira. Em Silveira Martins, não foi diferente, modificaram as linguagens a fim de melhorar a relação social entre os habitantes.

Quando indagados se conheciam a fala do imigrante, 73% do grupo A, confirma que sim, e 27% que não conhecem. Os que dizem sim, afirmam que compreendem melhor do que falam, pois os termos, as expressões do cotidiano são usados e aprendidos na convivência com seus familiares. Porém o grupo B, 100% afirmam que conhecem a fala do imigrante, alguns dizem que consideram o seu conhecimento pouco, outros afirmam que compreendem mais do que falam, e todos aprenderam com a família. Durante as entrevistas, relatam que a maioria das pessoas de sua convivência conhece ou usa expressões, mas são poucos que falam constantemente, ocorre principalmente entre os avós, quando se encontram, aí é que a conversa flui com o uso do dialeto. Uma entrevistada ainda diz que acredita que as pessoas, que vivem no interior, mantêm mais o uso de expressões e palavras em dialetos.

A palavra cultura tem sua origem do latim *colore* (habitar, ocupar a terra), e dela derivam palavras como colono, colonização, agrícola, entre outras. Ao formar comunidades rurais, diz-se, por meio de Gomes (1999, p. 116-117), que a noção de comunidade “traduz a imagem de um grupo unido pela homogeneidade, por tradições e por objetivos e perspectivas comuns. Nesse sentido, é muito mais facilmente aplicável ao mundo rural”. Desse modo, esse mundo rural seria marcado pelas tradições de hábitos e costumes, preservando laços por meio do vínculo entre a terra e o local, formando, por meio dessa união, a identidade social e o sentimento de pertencimento à região (GOMES, 1999).

Ao longo do tempo, os dialetos italianos se perderam, ou foram diminuindo devido à repressão da Segunda Guerra Mundial, pela inserção do rádio em língua portuguesa, portanto enfraquecendo o uso dialetal. Quando perguntado se o vínculo que há entre as famílias e os dialetos ainda é disseminado para as novas gerações, 64% do grupo A acredita que sim, e 36% que não ocorre mais a manutenção. Entretanto, do grupo B, 45% dizem que ainda é propagado (por entre as novas gerações) e os 55%, afirmam que não é propagado.

A fim de completar a resposta, pergunta-se: ao longo do tempo, os dialetos foram mantidos ou esquecidos? Tanto para o grupo A como para o grupo B, 55% afirmam que os dialetos foram esquecidos e 45% acreditam que eles estão mantidos, mas que dependem das famílias, algumas mantêm mais que outras.

Segundo os entrevistados, acredita-se que os dialetos não estão sendo mantidos ao longo do tempo, desse modo, ambos os grupos concordam que é importante para o local resgatar o uso do dialeto italiano entre as famílias a fim de manter mais um aspecto da cultura do imigrante italiano.

Aos entrevistados, que disseram que conhecem a fala do imigrante, os dialetos, e que foi aprendido com a família, perguntou-se: quem mais vocês conhecem que usa expressões dessa fala? Todos apontaram os parentes, os amigos, os vizinhos e os patrões.

Por meio das conversas e questionamentos, e, principalmente, quando perguntado se o jovem, demonstra conhecimento sobre os dialetos ou usa expressões antigas? Ambos os grupos, com 64%

confirmam que sim, o jovem possui algum ou pouco conhecimento, bem como o uso dessa fala, por meio de expressões do dia a dia, e 36% dizem que não, o jovem não faz uso. Para alguns entrevistados do grupo B, o jovem que se interessa busca o italiano vernáculo, pois possui a ambição de viajar para o exterior ou para os próprios estudos.

Quanto mais o processo de globalização adentrar a vida social, modificando-a, pelo mercado de consumo e comunicação, mais as “identidades se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente” (HALL, 2001, p. 75). Assim, as comunidades e seus habitantes inserem-se em novos modos de vida, que afetam principalmente o jovem, pois esse, por meio da mídia, busca a modernidade imposta pela sociedade.

Em vista das respostas, percebe-se que a fala do dialeto é conhecida e usada no município, porém o uso só ocorre em expressões cotidianas e pelos indivíduos da terceira idade. O jovem, por mais que conheça não a utiliza com frequência. No entanto, todos acham importante resgatar o uso do dialeto ou conhecer melhor a linguagem usada na imigração.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A cultura representa as manifestações de um povo, mediante tradições linguísticas, gastronômicas, religiosas, costumes e crenças, conforme suas origens e influências do meio.

Neste estudo, apresentou-se a cultura do imigrante italiano, no município de Silveira Martins (RS), desde sua saída da Itália à chegada ao Rio Grande do Sul (Província de São Pedro). Constatou-se que o descendente do imigrante carrega consigo os costumes de origem e, no caso desta pesquisa, evidenciados na devoção religiosa e no uso do dialeto do local de origem da Itália.

Pôde-se inferir que a representação da religiosidade se inicia com a construção de igrejas e capitéis e se mantem com os rituais nas missas e nas rezas, especialmente, em adoração aos santos. Enquanto a fala usada mescla-se aos vários dialetos de origem, uma vez que os imigrantes provêm de diversas regiões setentrionais da Itália, e ao Português, a língua oficial do Brasil.

As festas das paróquias são comunitárias e destaca-se, além da gastronomia, a homenagem aos santos. Essas festas carregam o nome de um santo devoto pela comunidade, e a população local coopera, ativamente, com a organização, assim como habitantes de outras localidades e das cidades da Quarta Colônia e de Santa Maria participam da festividade.

A religiosidade é muito marcante entre os habitantes mais velhos, especialmente, da terceira idade, pois são os que mais frequentam os rituais das missas na igreja e nas rezas, enquanto os mais jovens procuram o local sagrado apenas quando sentem necessidade.

Quanto ao dialeto, constatou-se que é mantido e está representado, também, pela população idosa, que o utiliza em rodas de conversa, com pessoas de idades aproximadas, através de expressões cotidianas, as quais os jovens ainda utilizam quando em família ou entre amigos.



Assim, por meio deste estudo, aponta-se que os descendentes de imigrantes italianos, assim como o local, ainda mantêm a cultura religiosa e linguística de seus antepassados, porém é mais acentuada, entre a população da terceira idade.

## REFERÊNCIAS

BISOGNIN, E. L.; BISOGNIN, V.; BISOGNIN, E. **Arte e Matemática nas Igrejas Matrizes da Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS**. CD-ROOM. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2004.

CARBONI, Florense. Talian & Talian. In: MAESTRI, Mário et al. (Org.). **Nós, os ítalos-gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. (Org.). **Raízes Italianas no Rio Grande do Sul 1875-1997**. Passo Fundo: UPF, 2000.

CLAVAL, Paul. **Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

CLEMENTE, Ir. Elvo. Situação do dialeto vênето no Rio Grande do Sul. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA, 1996, Caxias do Sul. **Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalos Brasileiros**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

DE BONI, Luís A.; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1984.

DOTTO, Concórdio Genuino. **Silveira Martins**. Tutti Bonna Gente. Santa Maria: UFSM, 1987.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1997.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009.

FROSI, Vitalina Maria. A linguagem oral da região de colonização italiana no sul do Brasil. In: MAESTRI, Mário et al. **Nós, os ítalos-gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Cultura ou civilização: a renovação de um importante debate. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do Poder**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

LEITE, Adriana Filgueira. O lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ**, v. 21, p. 9-20, 1998. Disponível em: <<https://goo.gl/OppeJ4>>. Acesso em: 15 maio 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SILVEIRA MARTINS. Disponível em: <<http://silveiramartins.rs.gov.br/>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

POSENATO, Júlio. Talian: língua e identidade cultural. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA, 1996, Caxias do Sul. **Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo Brasileiros**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

POSSAMAI, Paulo César. **“Dall’Italia siamo partiti”**: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945). Passo Fundo: UPF, 2005.

RELPH, Edward Charles. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

RIGHI, José Vicenti; BISOGNIN, Edir Lúcia; TORRI, Valmor. **Povoadores da Quarta Colônia**. Porto Alegre: Est, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

SANTIN, Silvino. **A imigração esquecida**. Porto Alegre: Est, 1986.

SANTIN, Silvino; ISAIA, Antônio. **Silveira Martins**. Patrimônio Histórico-Cultural. Porto Alegre: Est, 1990.

SAUER, Carl O. Geografia cultural. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

VENDRAME, Máira Ines. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”**: a organização dos imigrantes italianos na ex-Colônia Silveira Martins. Santa Maria: UFSM, 2007.

VILLAGRÁN, María Angélica. Educação Patrimonial: a experiência do Projeto Regional de Educação Patrimonial da 4ª Colônia do Rio Grande do Sul. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE IMIGRAÇÃO ITALIANA, 1996, Caxias do Sul. **Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalos Brasileiros**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

WAGNER, Philip L.; MIKESELL, Marvin W. Os temas da geografia cultural. In: CÔRREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

